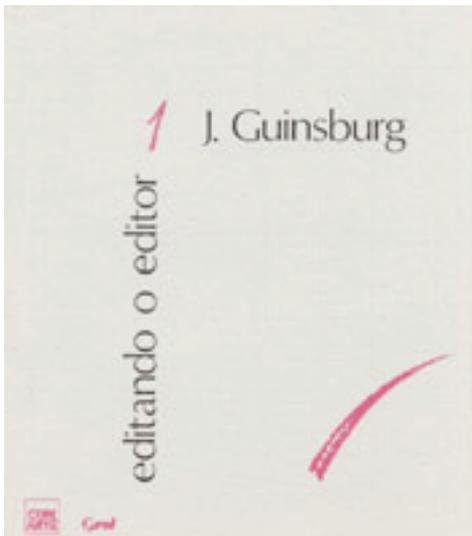


## J. Guinsburg e a arte de editar



*Editando o Editor: J. Guinsburg.* Sonia M. de Amorim e Vera H. F. Tremel. São Paulo, Com-Arte, 1989.

por **José Simões de Almeida Jr**

A série *Editando o Editor* criada e dirigida pela professora Jerusa Pires Ferreira, tem como foco o livro, a leitura e a edição. Um dos aspectos que se destacam nesse projeto é a proposta de concebê-lo como um processo ou, como afirma Jerusa (1989, p. 10), “de uma procura a ser feita” cujo desejo é articular as questões culturais vigentes na época com as questões editoriais propriamente ditas.

Dessa forma, o objetivo do projeto não foi “construir um panorama”, no sentido de um grande quadro imóvel, fixo, como uma paisagem, mas valorizar as escolhas, os vínculos culturais, a cultura do entorno, as influências intelectuais, a personalidade do editor em suas peculiaridades, o seu percurso prático, enfim, através de um

“escutar” dirigido e definido, buscando deixar à mostra as inúmeras possibilidades de leitura que o relato poderia apresentar.

Jacó Guinsburg, da editora Perspectiva, foi o primeiro profissional escolhido para iniciar a série, pois segundo Jerusa Pires Ferreira,

Jacó Guinsburg é o protótipo do editor, em que o projeto é um rumo constante e firme, alguém que detém, como poucos, o conhecimento de produção de livros e o encaixe desta produção na cultura Brasileira. Também porque a Editora Perspectiva é uma olhada crítica sobre o presente, um fluxo de abertura permanente para novos textos, movimentos, trabalhos em curso (1989, p. 12).

*Editando o editor: J. Guinsburg* é um mergulho no universo de um editor dedicado ao seu ofício e apaixonado pelas letras e pelos livros. A cada afirmação, revela-nos que o seu caminho “constante e firme” sempre esteve vinculado às incertezas, ao instinto, ao sonho e, paradoxalmente, à razão. Trata-se de um artista. E não poderia ser diferente, pois ele é um homem de teatro e, como destaca Ubersfeld, no teatro “é a figura das contradições que faz as coisas avançarem” (2005, p. 191).

É possível percebermos no seu depoimento que a crise é a marca da sua trajetória como editor, pois ela alimenta o seu processo de criação. Suas opções são instintivas, – sabe-se que não gosta de trilhar caminhos conhecidos – e, para aventurar-se nesse desconhecido, ele afirma que “em principio você não faz nenhuma empresa na vida, se ela não é acompanhada de ilusões” (1989, p. 23) e, depois, “resumindo, há dois aspectos na edição: cálculo e paixão. O cálculo também pode ser passional e a paixão também pode ser calculista” (1989, pp. 29-30), num jogo de esconde-esconde de palavras que revela o prazer de atuar nessa zona de tensão, indefinida e alimentada pelas contradições.

À medida que a leitura do livro avança, vislumbra-se a figura de um editor que valoriza o trabalho coletivo durante o processo de

editoração, com ênfase na figura do revisor e do tradutor. Um homem que tem o gosto pelos detalhes, com opções e apostas coerentes em relação às suas convicções intelectuais, e que se vê como um agente cultural, um mediador entre o que o público deseja e o que deve ser publicado, e não entre o que o mercado quer que seja publicado.

Tal opção por criar um projeto cultural, e não somente uma empresa, é difícil, pois esse “canal” de mediação entre o mercado e o leitor é um caminho estreito e incerto; entretanto, é em torno dele que se encontra a zona da criação que fascina o editor, vivida por um homem de imagem forte, voz grave, olhar austero, com um discurso ora inflamado, ora recheado por críticas contundentes. Basta, porém, que esse homem passe a falar de seus projetos editoriais, de seus livros, para que possamos sentir que deixa escapar ora um sorriso, ora uma ironia mordaz, revelando-nos o idealismo e a paixão pelo ofício/arte da profissão de editor. Tal como a relação entre ator e a cena, cada projeto editorial é elaborado como um espetáculo, uma obra de arte, vivida por esse ator/editor. Pulsão que pode ser percebida nas páginas de *Editando o Editor*, configurando-se como uma característica de seu trabalho à frente da editora Perspectiva.

Seus relatos constituem-se de uma rede de fluxos, fatos, confissões e reminiscências, sobre a origem da Editora, seus trabalhos anteriores (editora Rampa, Difusão, Difel), alguns companheiros com afinidades intelectuais (Anatol Rosenfeld, Haroldo de Campos, Boris Schnaiderman, Sábato Magaldi, entre outros), revelando-nos, assim, o olhar de um editor que tem como meta construir um projeto cultural focado no debate intelectual e na qualidade do texto.

O projeto “Editando o Editor”, de Jerusa Pires Ferreira, foi elaborado à partir de abordagens fundamentadas na percepção individual que o editor tem em relação ao seu objeto de trabalho, de tal modo que, a partir desse microcosmo, possam se estabelecer

outras percepções. Em consequência disso, as dificuldades existentes para a realização de um projeto de tal porte são enormes. O processo metodológico proposto resulta em horas e horas de fitas gravadas, produzidas em vários encontros, para, por fim, se realizar uma escolha daquilo que expresse o modo intelectual do editor entrevistado. Porém, como dizia Hegel “a verdade não é uma moeda que pode ser dada e embolsada” (1966, p. 58).

No entanto, não é na procura de uma verdade que esse projeto se empenha; seu objetivo é recuperar o fluxo e fragmentos de memórias vivas do mercado editorial, com ênfase nos seus processos práticos, encarando, como afirma Jerusa Pires Ferreira (2004, p. 7), os desafios que o registro impõe, isto é, assumir que se encontra diante da *história de quem diz*, embutida na expectativa e na atenção recriadora de quem ouve. Isto é, a transformação da vida em testemunho, envolvidos pelo *o que se disse e pelo que não se pôde dizer*. Por consequência, a verdade está para ser descoberta na trama narrativa que nos remete a um repertório e a uma imaginação que recria os fatos, a seu modo.

Para concluir, a série idealizada e dirigida por Jerusa Pires Ferreira cumpre, de um lado, seu papel de ampliar os estudos universitários sobre a editoração no Brasil e, de um outro lado, o de oferecer ao leitor a possibilidade de descortinar as personalidades de grandes editores como Ênio Silveira, Jorge Zahar, entre outros. No nosso caso, temos o registro da memória social e viva do editor e professor Jacó Guinsburg personalidade emblemática da produção intelectual universitária brasileira.

**Referências bibliográficas:**

AMORIM, Sonia m. de; TREMEL, Vera Helena F. J. *Guinsburg*. São Paulo, Com-Arte, 1989.

HEGEL. *Preface to phenomenology*. New York, Anchor Books/Doubleday, 1966.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Por uma memória do livro, da vida e do ofício: o projeto Editando o Editor*. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/jerusapires.pdf>>

Acesso em 10 de jan. 2006.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o Teatro*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

**José Simões de Almeida Jr** é professor, pesquisador, diretor teatral. Bacharel em Artes Cênicas (UNICAMP/SP), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC/SP), doutorando em Teatro (USP/SP) e coordenador do curso de licenciatura em Teatro da Universidade de Sorocaba. [E-mail: [p.simoes@uol.com.br](mailto:p.simoes@uol.com.br)]